
A periferia como futuro: O cinema em tempos de pandemia visto a partir da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro

Renata Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Com base em uma pesquisa etnográfica em contexto digital, este artigo tem como foco o trabalho de coletivos de cinema da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro realizado durante a pandemia e a partir do qual pretende-se refletir sobre algumas perspectivas e elaborações sobre as noções de futuro e de periferia.

Pensar sobre o futuro, essa ideia escorregadia e sinuosa, é sempre um grande desafio, o que muito se intensifica em tempos de pandemia, quando pairam no ar incertezas, cotidianos em suspensão e uma constante espera: por novos números, por orientações dos órgãos responsáveis, por uma vacina. No Brasil, este processo tem sido vivenciado desde 11 de março de 2020, quando o distanciamento físico foi adotado como medida sanitária defendida pela Organização Mundial da Saúde. Diante disso, diversas esferas da vida social foram afetadas, dentre elas o setor cultural brasileiro que ocupa mais de 5 milhões de pessoas, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). O objetivo deste artigo é refletir sobre uma parcela desse grupo, mais especificamente sobre

como coletivos de cinema da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro têm lidado com as limitações impostas pela pandemia, quais construções sobre o futuro têm sido elaboradas neste contexto e o que elas nos informam sobre a noção de periferia.

Periferia é abordada aqui mais como um conceito polissêmico, que conecta simbolicamente “uma variedade de mobilizações e eventos culturais que vêm ocorrendo atualmente, inclusive no âmbito transnacional” (Aderaldo 2017: 34), do que como uma noção pura e simplesmente territorial. Esta perspectiva se contrapõe a uma outra concepção teórica sobre o tema, em que

“[a] noção de ‘periferia’, construída nos anos 70 nos marcos da sociologia urbana marxista e incorporada em seguida ao senso comum, qualifica um determinado território na metrópole pelo conjunto de

carências ali observadas e não encontrado em outro lugar: carência de serviços públicos básicos, de urbanização das áreas públicas, de titularidade da propriedade e de proximidade do mercado de trabalho, entre outras.” (Lago 2007: 9)

Interpretações normativas das relações entre “centro” e “periferia” têm sofrido diversos deslocamentos e questionamentos, o que aponta para a necessidade de “se olhar a dinâmica e a vida metropolitana de forma mais complexa do que a permitida por visões dicotômicas” (Lago 2007: 25). Como afirma Magnani (2002: 15), “os centros urbanos não podem ser considerados simplesmente como cidades que cresceram demais – daí suas mazelas e distorções”. É preciso entender como diferentes agentes se relacionam com o espaço e, assim, o constroem. Neste processo, a noção de periferia tem se colocado como “repertório incisivo de arenas que denunciam a vulnerabilidade de suas experiências públicas, aproximando-se de outros contextos da região metropolitana” (Freire 2016: 33).

A partir de um olhar antropológico, interessa discutir neste artigo como a ideia de periferia vem sendo mobilizada e representada por produtores audiovisuais da Baixada Fluminense, uma região que é descrita como “periférica” por diversos atores – a mídia, o poder público, seus moradores –, mas que ganha diferentes sentidos a depender do enunciador e das relações em questão. Por isso não caberia uma única definição a priori do conceito, e daí a importância de um olhar situacional para a reflexão sobre o tema.

Marcada por diversos processos de precarização e estigmatização, como já discutido por pesquisadores como José Alves (2003), Ana Lúcia Enne (2002) e Jussara Freire (2016), a Baixada Fluminense é parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e seu mapa oficial considera 13 municípios. Dela emergiram nas duas últimas décadas casos que apontam para mudanças importantes nas relações com o futuro por parte de populações desprivilegiadas no contexto brasileiro.

Um marco nesse processo é o início dos anos 2000, quando surgem diversos grupos vinculados a atividades artísticas na região, como revela o Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense (Próximo 2015). O mesmo documento identificou um conjunto de 21 coletivos de cinema distribuídos pelos 13 municípios da Baixada. Desde o mapeamento, apresentado em 2015, novos coletivos surgiram. Em 2018, foi lançado o Baixada Filma, um manifesto pela territorialização do orçamento do audiovisual que reuniu diversos grupos integrantes do circuito de cinema, que é foco da minha pesquisa de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De algum modo, o Baixada Filma unifica este circuito a partir dos princípios expressos no manifesto que foi assinado pela maioria dos coletivos de cinema da Baixada, os quais seguem realizando mobilizações conjuntas a partir da rede que se formou. O ponto central do texto é que a Baixada Fluminense é um dos maiores polos de produção audiovisual do Brasil,

com importante acúmulo de trabalho na área e a partir do qual estigmas têm sido “transmutados em arte”, de acordo com os termos do manifesto. O mesmo segue afirmando que, pelas razões expostas, a região deveria ser mais considerada por políticas públicas, estas criticadas por geralmente se voltarem para as áreas tidas como centrais em detrimento daquelas vistas como periféricas.

Alguns fatores específicos que se desenrolaram especialmente ao longo da primeira década dos anos 2000 contribuíram para o surgimento, não apenas na Baixada como pelo Brasil afora, de diversos coletivos, aqui entendidos como aqueles “cuja característica é a ocupação de espaços segregados a partir da junção de pessoas dedicadas ao domínio de distintas linguagens artísticas” (Aderaldo 2017: 21). Uma relativa democratização do acesso a dispositivos de comunicação, a crescente valorização de políticas culturais, o considerável crescimento do poder de consumo dos setores menos privilegiados e a ampliação do acesso ao ensino superior por parte dessa mesma população foram processos que colaboraram para a construção de outras relações com o futuro por parte de grupos historicamente estigmatizados. Afinal, quantidades maiores de pessoas vindas de estratos sociais mais baixos passaram a considerar naquele momento planos antes mais raros, como a entrada na universidade, a atuação em projetos artísticos, maior circulação por diversos espaços, a aquisição de determinados bens. Em suma, outros campos de possibilidades (Velho 2013) se abriram.

Como moradora de Nova Iguaçu, uma das cidades da Baixada Fluminense, há algum tempo eu já conhecia e, eventualmente, participava de sessões de cineclube na região, estas sempre gratuitas e abertas ao público. Mas é a partir de meados de 2019 que começo a seguir etnograficamente os passos desse que pode ser entendido como um circuito por envolver uma circulação – de pessoas, imagens, ideias – e que é experimentada em cineclubes e festivais onde são exibidos, em sua maioria, filmes autorais de integrantes de coletivos de cinema locais.

Com temáticas distintas, esses filmes têm em comum a abordagem de espaços e personagens associados a uma origem periférica. Entendendo circuito também como um conjunto de exercícios de sociabilidades e encontros (Magnani 2002), a pesquisa tem como foco não apenas os filmes em si, mas as relações e trocas construídas em torno deles a fim de entender como essa nova geração de produtores audiovisuais da Baixada tem participado de um processo contemporâneo de ressignificação da ideia de periferia.

Em decorrência da pandemia, meu trabalho de campo foi diretamente afetado e o itinerário da pesquisa passou a ser por caminhos digitais. Com o cancelamento das atividades presenciais, logo surgiram cineclubes e festivais de cinema online, além do lançamento na internet de textos, cartas, manifestos, podcasts, as chamadas lives com seus eventos ao vivo e inúmeros debates nas redes sociais. Desde março de 2020, venho acompanhando

assiduamente atividades desse tipo organizadas por coletivos de cinema da Baixada.

Tendo em vista os limites de espaço e o recorte temático deste artigo, a análise que segue terá como ponto de partida algumas das atividades e filmes produzidos pelo Baixada Cine, coletivo bastante atuante nas redes durante o período de isolamento social. Este grupo traz interessantes e provocadoras abordagens sobre a noção de futuro em interseção com a ideia de periferia e a partir das quais é possível tecer conexões com experiências de outros coletivos da Baixada, como buscarei demonstrar a seguir.

Projeto, memória e o futuro em gestação

O Baixada Cine nasceu em 2016 a partir da iniciativa de jovens estudantes de teatro de Belford Roxo, um dos municípios da Baixada Fluminense. Em abril de 2020, cerca de um mês depois da chegada da pandemia no Brasil, ouvi uma entrevista com alguns dos integrantes do coletivo em um podcast realizado pelo *É pau, é pedra*, em episódio intitulado *Cinema de pedreiro – Das periferias para as telas*. Logo no início, uma fala específica deste conteúdo me chamou atenção. Ao responder sobre a história e área de atuação do coletivo, uma das integrantes afirmou: “Apesar de a gente atuar hoje na Baixada Fluminense e esse ser o nosso foco, a gente tem uma ligação muito forte com as periferias do mundo. A periferia é o futuro do nosso mundo” (Membro do Baixada Cine, 2020).

Três meses depois, em julho de 2020, o Baixada Cine lançava em seu Instagram uma série de lives intituladas Cinema do futuro, uma sequência de 6 debates ao vivo que teve como objetivo apresentar ao público novos realizadores que participaram da oficina “Cinema de periferia” organizada pelo coletivo em 2019 com patrocínio da Casa Fluminense.

De imediato, me chamou atenção a coragem do grupo de invocar, em um momento tão incerto como o de uma pandemia, essa palavra que nomeia o desconhecido universo do porvir: futuro. Depois entendi que o curso que deu origem à série de lives havia resultado em uma produção que já abordava essa ideia com um curta-documentário chamado Cinema do futuro: Minha verdade seja dita, lançado no YouTube em setembro de 2019. Com aproximadamente 15 minutos de duração, o filme traz em sua cena de abertura a seguinte frase em destaque: “Belford Roxo é a maior cidade do Brasil em número de habitantes sem uma sala de cinema” (Cinema do Futuro, 2019). Em seguida, há falas de participantes do curso intercaladas com crianças descrevendo suas percepções sobre cinema e alguns de seus filmes favoritos. A sua descrição no YouTube explica que “o objetivo do filme é mostrar a realidade do cinema que queremos na Baixada Fluminense” e que “como pano de fundo temos crianças moradoras de Belford Roxo sendo reflexo do que é o futuro” (Baixada Cine, 2019).

Fica evidente a partir dos depoimentos trazidos no filme que o cinema que se deseja para o futuro é aquele capaz

de valorizar a representatividade de mulheres, negros e pessoas de origem periférica em contraposição às representações hegemônicas de uma indústria cinematográfica descrita como hollywoodiana ou vinculada à Rede Globo, no caso do Brasil. Essa perspectiva, que reflete uma crescente valorização da temática das identidades na contemporaneidade, foi retomada em diversos momentos nos debates que acompanhei durante a pandemia e resume bem muito do que está no horizonte não só do Baixada Cine, como também dos demais coletivos vinculados ao Baixada Filma.

Se nos exemplos trazidos até aqui a periferia é associada diretamente à noção de futuro, no sentido de ser parte de algo que se deseja e pelo qual se anseia, é no passado que se ancoram muitas das bases que culminam nessa percepção.

Os próprios debates do Cinema do futuro organizados pelo Baixada Cine foram um espaço de encontro com foco em um curso já concluído e que marcou profundamente a história do coletivo. Para além dessa atividade específica, eram lembradas também outras experiências, trajetórias, parcerias e episódios significativos.

Outros coletivos da Baixada que acompanhei também experimentaram dinâmicas parecidas. Expressão disso é que durante a pandemia multiplicaram-se nas redes os chamados “tbts”, uma hashtag que é a abreviação da expressão em inglês ThrowBack Thursday, que pode ser traduzida como uma “revisita ao passado nas quintas-feiras” a partir da postagem de fotos antigas dos usuários. Muitas dessas publicações traziam imagens e textos saudosos dos eventos antes realizados em espaços públicos, como nestes dois exemplos a seguir:



“Tbt”. Instagram do Baixada Cine.

Lembrança. Instagram do Cineclub
Xuxu Comxis.



Outro projeto que também abordou este tema em seus eventos online durante a pandemia foi O prédio do Posto 13, que reúne cerca de 30 pessoas na realização de um filme sobre um antigo hotel que é icônico na paisagem da Baixada Fluminense por suas pichações. Em um de seus debates ao vivo, divulgado como *Eventos na rua: que saudade!*, dois jovens, que por anos organizaram cineclubes na Baixada, conversaram ao vivo com o público lembrando alguns dos principais eventos que movimentaram a região após 2013, ano marcado por uma série de manifestações nas ruas do Brasil.

Apenas depois de um momento de rememoração e de releitura do passado é que eram apontados planos e perspectivas para o futuro, que geralmente giravam em torno da realização de grandes festivais, da produção de novos filmes e até de livros. Durante o período de isolamento, ouvi relatos de que projetos antigos estavam sendo desengavetados e de que realizadores de cinema da Baixada estavam dedicados à elaboração de roteiros a partir do home office. Todo esse processo tem relação com a discussão de Gilberto Velho (2013) sobre o papel fundamental da memória na constituição de projetos, tema que ele aborda a partir do diálogo com Alfred Schütz (1979). Sendo o projeto uma forma de antecipação do futuro a partir do estabelecimento de objetivos e meios para alcance do que se almeja, sua consistência “depende fundamentalmente da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem as

quais seria impossível ter ou elaborar um projeto” (Velho 2013: 65).

Foi estimulante testemunhar como um momento em que os coletivos tiveram que interromper uma série de atividades e planejamentos foi ao mesmo tempo espaço para releituras e reconstituição de trajetórias que, longe de se encerrarem em uma nostalgia paralisante, foram capazes de impulsionar projetos futuros. E foi a partir daí que pude acompanhar nas redes a elaboração de estratégias em um contexto de crise, tais como o lançamento de cartas e manifestos, a divulgação do trabalho e da história dos coletivos, o compartilhamento com o público de dificuldades e expectativas, o que culminou, em alguns casos, em projetos de financiamento coletivo, em manifestações públicas de apoio e/ou no estabelecimento de novas parcerias.

Foram muitas também as reivindicações por políticas públicas e grande o incentivo entre os coletivos da Baixada para que o maior número possível deles concorresse a editais como o da Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural e o Cultura Presente nas Redes – cuja própria existência ambos devem às pressões e negociações por parte de movimentos da área da cultura, processo que para ser descrito em sua complexidade mereceria a escrita de um outro artigo. Concomitantemente, este foi também um momento de produção de memória, afinal muitos dos cineclubes online e dos debates ao vivo ficaram salvos na internet como marcas das elaborações desenvolvidas durante o período da pandemia e que certamente merecem

ser revistas para o aprofundamento das reflexões em torno do tema.

Curiosamente, a dimensão da adversidade que muitas vezes se impõe sobre aqueles que fazem cinema a partir de regiões marcadas por complexos processos estruturais de precarização social parece produzir relações não apenas com o futuro, mas principalmente com o presente,

menos pessimistas e imobilizantes do que se poderia esperar. Como expressão disso, temos as experiências já citadas do Baixada Cine, dentre outras de integrantes do mesmo coletivo, como a realização de novos filmes que exploram cenas da casa e do cotidiano durante o isolamento social como matéria-prima, o que vemos no curta *O desejo é um tempo parado*:



O desejo é um tempo parado - FIC, 2'30'

303 visualizações · 3 meses atrás

[O desejo é um tempo parado, lançado em julho de 2020 no YouTube.](#)

Outro exemplo é o Cineclube Mate Com Angu, atuante na Baixada Fluminense desde 2002. Durante o período de isolamento social, este coletivo organizou debates sobre cinema em sua página no Instagram, como o intitulado Cinema & goró, e o Mate reverbera: Ensaios audiovisuais criados na doideira da pandemia, sendo este lançado em uma plataforma do Instituto Moreira Sales, onde foram apresentados 3 curtas-metragens inéditos elaborados a partir de imagens de arquivo do coletivo baixadense.

Grupos de cinema da Baixada apoiados pelo edital Cultura Presente nas Redes, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, também movimentaram a esfera online. Foi o caso do Cineclube Xuxu Comxis, que lançou nas redes seu primeiro longa até então inédito, *Revirando o jogo*, sobre o qual ocorreram debates a partir de sessões ao vivo no Facebook. Sessão Damana foi outro grupo selecionado que promoveu cineclubes online. Mas é importante destacar que estes e outros

coletivos estiveram bastante ativos e com ações periódicas nas redes mesmo fora do âmbito do edital citado, cuja premiação foi de apenas R\$ 2.500 reais (o equivalente, atualmente, a cerca de 400 euros).

Ainda no contexto do edital, o Laranja Vulcânica disponibilizou no YouTube um documentário bastante importante para a compreensão do movimento cineclubista da Baixada. Trata-se do filme *Cineclubismo na BF*, que traz entrevistas com representantes de cineclubes atuantes há anos na Baixada Fluminense (por isso o BF no título). Outro filme fundamental para o entendimento da história do audiovisual na Baixada Fluminense é *TV Olho: A primeira TV comunitária do Brasil*, que também foi disponibilizado na internet no período da pandemia.

A periferia no centro de um cinema do futuro

Os exemplos trazidos no início do tópico anterior são casos simbólicos para a reflexão proposta neste artigo pela forma como neles é mobilizada a categoria futuro – cabe, por isso, retomá-los. Me refiro à série *Cinema do futuro*, que teve como uma de suas inspirações um filme homônimo do Baixada Cine, e à ideia de “periferia como futuro”, trazida como resposta no podcast para o qual integrantes do coletivo foram entrevistados. Em um momento em que os cotidianos de milhares de pessoas foram atropelados pela pandemia e que o processo de planejar mesmo a mais trivial ida ao mercado era um desafio, encarar de frente o termo futuro pode ser considerado algo ousado. E mais ainda por essa categoria não aparecer de modo isolado, mas associada diretamente a uma

outra noção fundamental aqui: periferia. No primeiro exemplo temos os ex-alunos de uma oficina chamada “Cinema de periferia” como protagonistas dos debates da série *Cinema do futuro* e no segundo temos a periferia descrita como “futuro do nosso mundo”. Estamos diante, portanto, de um deslocamento importante: a periferia, tantas vezes tratada como algo a ser superado e deixado no passado, é aqui desejada como parte de um futuro. Mais do que isso: ela é descrita como o próprio futuro.

Essa periferia, não circunscrita a aspectos apenas geográficos e a definições estáticas focadas em índices de pobreza, é apontada como futuro por ser vista como potência, como repertório criativo atravessado por vivências múltiplas que extrapolam muitas vezes limites territoriais, daí a possibilidade de pensar em “periferias do mundo”. Como conceito polissêmico, periferia parece estar aqui mais próxima de “uma posição política do que de uma origem social e identitária, pura e simplesmente” (Aderaldo 2017: 83), o que pode ser observado em diversas outras regiões consideradas periféricas no Brasil, como aquelas ocupadas pelos coletivos vídeo-ativistas de São Paulo estudados por Guilherme Aderaldo (2017), por exemplo.

Esse caráter polissêmico e polifônico da noção de periferia é abordado também no curta *Rádio Perifa* do Baixada Cine. O filme tem como cenário principal uma rádio com adesivos e colagens na parede que trazem dizeres como “liberdade”, “luta” e “audiovisual”. Ao fundo, temos uma música pop entremeada por ruídos

típicos de mudanças de estação de rádio. No centro da cena temos uma mulher negra contando a história de um jovem, que é descrito como nascido em “berços periféricos”. Ao final, são exibidos slides, ao som de um rap, com diferentes definições de periferia, desde aquelas geológicas, geográficas, passando pela ideia de “lugar afastado do centro urbano que abriga população de baixa renda” até a concepção de um conjunto de “países pouco desenvolvidos em relação às grandes potências, consideradas como centro de um sistema socioeconômico mundial” (Rádio Perifa, 2019).

Rádio Perifa não está ainda disponível integralmente na internet. Tive a oportunidade de assistir ao filme completo no 8º Festival de Cinema Curta Pinhais que ocorreu em maio de 2020 em formato online e para o qual ele foi selecionado e indicado como melhor filme na categoria “equipamentos alternativos”, descrito como aquele que diz respeito a produções que sejam feitas com qualquer outro equipamento que não seja uma filmadora propriamente dita. Simplificando, cabem nesta categoria aqueles filmes feitos com dispositivos móveis, celulares, com o que se tem à mão, enfim, e isso é algo que diz muito sobre o que o Baixada Cine descreve como “Cinema de periferia”, como podemos ver nesta apresentação do coletivo em sua página no Facebook:

Instagram do Baixada Cine, junho de 2020.

“Fazendo cinema de periferia desde que deu na telha que era isso que a gente queria fazer! Aqui, diretamente de Belford Roxo, o Baixada Cine quer fazer cinema de Pedreiro. Cinema de quem não tem formação acadêmica, cinema de cinéfilo de lugar que nem tem cinema. Cinema com atores que não tem Teatro pra ensaiar. Roteiros de roteiristas que não tem biblioteca pra ler. Artistas que não tem espelho pra se espelhar. Aqui é assim, intervalo sem lanche. Mas beleza. Bora fazê filme? Mão na massa que o muro é grande.” (Baixada Cine, 2020)

Esse cinema marcado por uma série de limitações estruturais, mas que é feito a partir do que é possível, é descrito também como “cinema de pedreiro”, o que coloca em foco a dimensão do fazer, da “mão na massa”, e também uma questão de classe social. O pedreiro é aquele que se opõe à figura privilegiada do “playboy”, como representado nessa imagem:



Assim como o Baixada Cine, outros coletivos também passaram a pautar e a usar como referência categorias que marcavam o lugar de artistas, especialmente aqueles vindos de lugares periféricos, como trabalhadores, fazedores, operários da cultura. Exemplo disso é a Carta manifesto dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura na Baixada Fluminense que traz já no título, e também ao longo de seu texto, a ênfase no trabalho como questão. Lançado na internet no dia 30 de março de 2020, o documento foi encaminhado ao poder público com o objetivo de “recomendar ações imediatas de enfrentamento e prevenção de um colapso no setor cultural”, com destaque para fatores estruturais que agravam a situação no contexto da Baixada Fluminense. Para elaboração do material, diversos artistas se reuniram, havendo presença significativa daqueles da área audiovisual. A carta contou com mais de 200 assinaturas, dentre elas a do Baixada Cine e de outros coletivos vinculados ao Baixada Filma.

O uso enfático de categorias que demarcam o fazer artístico parece estar diretamente relacionado à percepção de que a arte é geralmente mais associada a um tipo de hobby, passatempo ou mera diversão e não como uma forma de sustento, um trabalho, de fato. Trata-se de algo significativo na mudança que assistimos nas últimas décadas no Brasil sobre quem pode ou não fazer e viver de arte. Se antes predominava o “playboy”, hoje têm lugar os filhos dos pedreiros, operários, entre outras profissões pouco valorizadas e remuneradas no Brasil. Se novos tempos

exigem também novos nomes, não é nada fortuita essa necessidade de enfatizar o lugar do artista como um trabalhador, especialmente em um país cujo governo atual tem se referido aos seus artistas e intelectuais como “vagabundos”.

Considerações finais

Este artigo é resultado de um processo ainda muito inicial de sistematização da minha pesquisa de doutorado, que precisou ser reformulada metodologicamente em razão do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19. A ideia foi trazer alguns exemplos para reflexão, sabendo que há muitos ainda a serem citados, mas que demandariam mais tempo e espaço para análise.

Fazer uma pesquisa no contexto da pandemia e com coletivos oriundos de uma região marcada por profundos processos de desigualdade social é algo que nos confronta a pensar como essa desigualdade se expressa também no contexto digital. Embora este não tenha sido o foco do texto, é importante lembrar que, conforme revelou pesquisa realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (2019), um quarto dos brasileiros ainda não tem acesso à internet e, entre aqueles que têm, 58% utilizam apenas o celular, o que chega a 85% entre as classes mais baixas. É com este cenário que lidam os coletivos de cinema que compõem minha pesquisa, o que certamente influencia a capacidade de alcance dos conteúdos produzidos por eles.

Apesar de todas as dificuldades envolvidas, os coletivos de cinema da Baixada vêm mostrando que manter-se ativo e em interação com os demais têm se colocado como essencial em contextos de crise e que construir o futuro é um processo inventivo e criativo que tem como base memórias, referências do passado e ações do presente. Este processo vem sendo tecido entre muitas telas: do computador, do celular, do tablet, da televisão e até mesmo da janela, que emoldura a rua, agora quase proibida. E o “entre” não é aqui apenas uma mera preposição, mas algo que demarca que há muitas relações e negociações no meio do caminho entre a “ideia na cabeça”, parafraseando o cineasta Glauber Rocha, e aquilo que se projeta em imagens e discursos diversos.

Pensar sobre o futuro é antes de tudo um exercício de imaginação e esses coletivos vêm afirmando que não abrem mão de imaginar mundos em que as muitas periferias possíveis estejam presentes como protagonistas. São perspectivas que precisam ser consideradas para a construção de horizontes de fato mais democráticos para o futuro, por mais imprevisível e incerto que este nos pareça.

Bibliografia

Aderaldo, Guilherme (2017): *Reinventando a cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas “periferias” de São Paulo*, São Paulo: Annablume: Fapesp.

Alves, José Cláudio Souza (2003): *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*, Duque de Caxias: APPH: Clio.

Baixada: Site da Baixada, em: <<http://sitedabaixada.com.br/cultura/2020/03/30/trabalhadores-da-cultura-na-baixada-fluminense-cobram-politicas-publicas-para-o-setor-durante-a-quarentena/>> (Acesso em 16/12/2020).

Baixada Cine (2019): *Rádio Perifa*.

Baixada Cine (2020): *O desejo é um tempo parado, Produção e Montagem*: Sandro Garcia, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7FYFb0oVmpA&t=4s>> (Acesso em 25/01/2021).

Baixada Cine: Instagram do Baixada Cine, em: <<https://www.instagram.com/baixadacine/channel/?hl=pt-br>> (Acesso em 16/12/2020).

Baixada Filma: Site do Baixada Filma, em: <<http://baixadafilma.com.br/>> (Acesso em: 16/12/2020).

Carol Vilamaro (Realização) (2018): *Cineclubismo na BF*, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=crPgsiB2H9c&t=1s>> (Acesso em 20/11/2020).

Cinema do Futuro (2019): *Minha Verdade Seja Dita*, Realização: Baixada Cine, em: <https://www.youtube.com/watch?v=4qYY0LxgTFY&feature=emb_logo> (Acesso em 20/11/2020).

Cineclubes Xuxu Comxis (Realização) (2020): *Revirando o jogo*.

É pau, é pedra (2020): *Cinema de Pedreiro - Das Periferias para as Telas*, em: Soundcloud do podcast É pau, é pedra <<https://soundcloud.com/paupedra/epep-99-cinema-de-pedreiro-das-periferias-para-as-telas>> (Acesso em: 16/12/2020).

Enne, Ana Lúcia (2002): *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidades*, Tese (Doutorado em Antropologia Social)–PPGAS/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Freire, Jussara (2016): *Problemas Públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu*, 1.ed., Rio de Janeiro: Garamond.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018): *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua), IBGE: Rio de Janeiro.

Instituto Moreira Sales: Site do Instituto Moreira Sales, em: <<https://ims.com.br/convida/mate-com-angu/>> (Acesso em 16/12/2020).

Lago, Luciana Corrêa do (2007): “A “periferia” metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena”, in: *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, Ano XXI, 2, 9-28.

Magnani, J. De perto e de dentro (2002): “Notas para uma etnografia urbana”, in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 17, 49.

Núcleo da informação e coordenação do ponto BR (2019): *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação: pesquisa TIC Domicílios*, em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/>> (Acesso em 25/01/2021).

Próximo, Brasil (2015): *Mapeamento dos grupos criativos da Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro: Relatório.

O Prédio do Posto 13: Instagram do Projeto “O Prédio do Posto 13”, em: <<https://www.instagram.com/tv/CAjQTWGJe2k/?hl=pt-br>> (Acesso em: 16/12/2020).

Schutz, Alfred (1979): *Fenomenologia e relações sociais*, Rio de Janeiro: Zahar.

Tv Olho - *A Primeira Tv Comunitária do Brasil* (2018): Rodrigo Dutra.

Velho, Gilberto (2013): “Um antropólogo na cidade: Ensaios de antropologia urbana”, em: Vianna, Hermano, Karina Kuschnir e Celso Castro (eds.), Rio de Janeiro: Zahar.